



**GRAÇAS DO
PADRE CRUZ SJ**

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que descestes do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e receberéis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.



Índice :

O Que é a Páscoa?	pág. 35
O Sentido da Páscoa.....	pág. 36
Sentido Cristão da Alegria.....	pág. 40
Testemunhos sobre o Servo de Deus	
Padre Cruz.....	pág. 44
AVISO: Missa na Capela e Abertura do Jazigo.....	pág. 55
Morada para correspondência	pág. 56
Deram Esmola e agradecem Graças.....	pág. 57
Missas	pág. 64



O Que é a Páscoa?

O tempo pascal compreende cinquenta dias (em grego = “pentecostes”), vividos e celebrados como um só dia: “os cinquenta dias entre o domingo da Ressurreição até ao domingo de Pentecostes devem ser celebrados com alegria e júbilo, como se se tratasse de um só e único dia festivo, como um grande domingo” (Normas Universais do Ano Litúrgico, n 22).

O tempo pascal é o mais forte de todo o ano, inaugurado na Vigília Pascal e celebrado durante sete semanas até ao Pentecostes. É a Páscoa (passagem) de Cristo, do Senhor, que passou da morte à vida, a sua existência definitiva e gloriosa. É a Páscoa também da Igreja, o seu Corpo, que é introduzida na Vida Nova de seu Senhor por meio do Espírito que Cristo lhe deu no dia do primeiro Pentecostes. A origem desta cinquentena remonta às origens do Ano Litúrgico.

A liturgia insiste muito no carácter unitário destas sete semanas. A primeira semana é a «oitava da Páscoa», em que já por irradiação os batizados na Vigília Pascal, eram introduzidos a uma mais profunda sintonia com o Mistério de Cristo que a liturgia celebra. A «oitava da Páscoa» termina com o domingo da oitava, chamado «in albis», porque nesse dia os recém batizados vestiam em outros tempos as vestes brancas recebidas no dia de seu Batismo.



Dentro da cinquentena celebra-se a Ascensão do Senhor, agora não necessariamente aos quarenta dias da Páscoa, mas no domingo sétimo de Páscoa, porque a preocupação não é tanto cronológica mas teológica, e a Ascensão pertence simplesmente ao mistério da Páscoa do Senhor. E conclui tudo com a vinda do Espírito no Pentecostes.

A unidade da cinquentena que é também destacada pela presença do Círio Pascal aceso em todas as celebrações, até ao domingo de Pentecostes. Os vários domingos não se chamam, como antes, por exemplo, «domingo III depois da Páscoa», mas «domingo III de Páscoa». As celebrações litúrgicas dessa Cinquentena expressam e ajudam-nos a viver o mistério pascal comunicado aos discípulos do Senhor Jesus. As leituras da Palavra de Deus dos oito domingos deste Tempo na Santa Missa estão organizadas com essa intenção. A primeira leitura é sempre dos Atos dos Apóstolos, a história da igreja primitiva, que entre as suas debilidades, viveu e difundiu a Páscoa de Jesus. A segunda leitura muda segundo os ciclos: a primeira carta de São Pedro, a primeira carta de São João e o livro do Apocalipse.

O Sentido da Páscoa

Neste tempo radioso da Páscoa, vamos refletir sobre o sentido da maior festa litúrgica da Igreja. Para Israel a Páscoa era, inicialmente, uma festa pastoril, na qual ofertavam-se ao Senhor as primícias do rebanho. Os melhores animais eram sacrificados e aspergiam-se com o seu sangue os portais das casas, relembrando a saída do Egito para a Terra Prometida. Naquela noite do Êxodo, Deus castigou os egípcios por não libertarem o povo eleito, enviando o seu anjo para matar todos os primogénitos das famílias e dos animais (cf. Ex 12,1-42). Assim, o primeiro sentido da Páscoa é a proteção que Deus propicia àqueles que lhe pertencem.

Posteriormente, a Páscoa passou a ser uma festa agrária. Celebrava a oferta a Deus das primícias da agricultura: frutas e cereais, dentre estes a flor dos cereais, que é o trigo. O pão é o alimento primordial da humanidade. Na Páscoa, ofertava-se, então, o pão primicial. Era a festa dos pães novos. O rico e forte simbolismo do pão adquiriu um sentido especialíssimo no Novo Testamento, conforme nos ensina o Evangelho de São João (cf. Jo 6), do qual trataremos adiante.

Somente no templo se faziam as oferendas a Deus, anualmente. Os Evangelhos registam três viagens de Jesus a Jerusalém, por ocasião da Páscoa. No primeiro relato, Jesus aparece no templo aos doze anos, discutindo com os escribas e doutores da lei (cf. Lc 2,41-52). Donde lhe vem toda essa sabedoria? Somente se pode responder pelo reconhecimento da Sabedoria eterna, presente naquele jovem, que assumira a natureza humana para estar conosco.

Na segunda ocasião em que vai a Jerusalém, Jesus não se mostra publicamente, somente a pessoas particulares, porque os judeus tinham decidido matá-lo. Celebra a festa da Páscoa, mantém diálogo com os que lhe são fiéis e, à noite, recolhe-se junto a seus amigos.

A terceira ida é a mais importante. Representa o termo da missão e da vida de Jesus, o ponto máximo onde Ele queria chegar. Ele refere-se a isto como um batismo: “Devo ser batizado num batismo; e quanto anseio até que ele se cumpra!” (Lc 12,50). Este momento é exatamente o da sua condenação, começando com a agonia no Horto de Getsemani, continuando com a vergonha do processo sumário conduzido por Pilatos, e concluindo com a Paixão, o caminho do Calvário, a Crucifixão e a Morte. Mas toda essa tragédia foi, afinal, iluminada pela gloriosa Ressurreição do Senhor.

Voltando ao tema da festa pastoril, encontramos no Novo Testamento a analogia fundamental e definitiva entre o sangue de animais imolados marcando as casas, com o Sangue de Cristo, derramado por nós na cruz. Já não se assinalam os portais, mas



cada pessoa é unguida com esse precioso Sangue. São Paulo chega a afirmar: “No Filho, pelo seu sangue, temos a Redenção, a remissão dos pecados, segundo as riquezas da sua graça que derramou profusamente sobre nós, em torrentes de sabedoria e de prudência” (Ef 1,7). A viagem final do Senhor a Jerusalém é o início do nosso caminho de Salvação.

A Páscoa de Jesus Cristo uniu a festa pastoril à festa do pão novo, dando-lhes pleno sentido. Surgem uma nova realidade de vida e um novo sustento para a humanidade, que transcendem a dimensão material, apontando para o Absoluto. Especialmente, no capítulo 6 do Evangelho de São João, Jesus fala da “Vida eterna” e do “Pão novo”: “Eu sou o Pão da Vida: aquele que vem a mim não terá fome, e aquele que crê em mim jamais terá sede. Quem comer deste Pão viverá eternamente. E o Pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo” (Jo 6,35.51). Eis a promessa da Eucaristia.

A manutenção desta “Vida nova” precisa do sustento que nos vem pelo Pão da Eucaristia e pelo Pão da Palavra, a doutrina da verdade, que desmascara toda ilusão, mentira e embuste. Precisa, também, da graça infundida em nós pelos demais Sacramentos. O cristão é alguém que não se acomoda ao que “já era”, simplesmente. A sua vida é um contínuo dinamismo, em busca de ideais, perspectivas e horizontes novos, porém, firmemente alicerçados na “pedra angular” que é o Senhor.

Até nas Alianças que Deus fez com o seu povo, encontramos esta novidade. As primeiras alianças precisavam ser constantemente renovadas, por causa da infidelidade de Israel. Foram quatro: com nossos primeiros pais, no paraíso; com Noé, simbolizada pelo arco-íris; com Abraão, prometendo-lhe uma descendência perene; com Moisés, entregando-lhe o Decálogo.

Finalmente, Deus estabeleceu com a humanidade a Nova Aliança, definitiva e eterna, que não será jamais rompida, pois fundamenta-se no Sangue do próprio Filho, Jesus Cristo. Ele mesmo o atesta, na

última Ceia com os 12 Apóstolos, quando institui a Eucaristia: “Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue, que é derramado por vós” (Lc 22,20).

Por isso, devemos estar bem conscientes da importância de comungarmos o Corpo e o Sangue do Senhor. São Paulo alerta: “Que cada um se examine a si mesmo, e assim coma desse Pão e beba desse Cálice. Aquele que o come e o bebe sem distinguir o Corpo do Senhor, come e bebe a sua própria condenação” (1Cor 11,28-29).

Intimamente unidos ao Senhor pela Eucaristia, coloquemos todo o nosso empenho em nos conservarmos assim, repetindo em nossa prece diária: “Senhor, não permitais que eu me separe de Vós”. Como nos separamos” Por uma rejeição total do senhorio de Deus em nossa vida, dedicando-nos a coisas exclusivamente materiais e, não raro, opostas aos ideais do Evangelho, que levam a nos fecharmos ao amor e à justiça para com os irmãos e irmãs.

Agora que estamos no auge da Campanha da Fraternidade, reitero minhas exortações, publicadas em reflexões anteriores, sobre o apreço que devemos dar à vida. Começemos pela nossa própria vida, através da prática da temperança e do equilíbrio, em relação às coisas que nos cercam. Preservemos nossa saúde e nossa paz interior, pois são dons maravilhosos de Deus para nós.

Defendamos o direito dos nascituros à vida, pois são seres humanos como nós, e não podem ser rebaixados à condição de meros doadores de células. Respeitemos a vida do próximo que, mesmo sem ser nosso irmão em Cristo, é imagem e semelhança de Deus. Cuidemos dos idosos, propiciando-lhes sair desta vida para a eternidade na paz de terem cumprido, integralmente, a sua missão na terra. À semelhança das palavras de Jesus, possam dizer: “Nas tuas mãos, Senhor, entrego a minha vida”.

Neste tempo pascal, com intensa alegria, celebremos a vida, que nos é dada pelo Criador e renovada pela Ressurreição de Cristo!





SENTIDO CRISTÃO DA “ALEGRIA”

Falava-se há tempos num grupo de cristãos sobre o perfil que se tem convencido atribuir ao católico que é tendencialmente triste, tanto no modo como celebra a fé como no modo como a vive e testemunha. Eu ainda argumentei apelando à característica festiva do catolicismo, com os seus folguedos e arraiais, como nas festas populares tão características do mundo latino, mas não consegui convencer o grupo em que estava integrado. Em todo o caso, estou convencido que tal perfil não passa de

uma caricatura do que verdadeira e autenticamente deva ser a atitude do cristão perante a vida ou na vivência e testemunho da sua fé, se «alegre» ou se «triste». Não é, para mim, sinal evidente de alegria ter-se perdido o hábito do recolhimento e do silêncio orante no final das nossas celebrações eucarísticas, quando devia ser tempo de acção de graças pela comunhão sacramental recebida; ou a confusão que em muitas celebrações se gera no momento da «saudação da paz». O recolhimento não é sinal de tristeza; e o alarido não é necessariamente sinal de alegria!

No livro do Qohelet (3,1-8) diz-se que há tempo para tudo: também para a tristeza e para a alegria, pois na vida é assim, nem sempre estamos alegres, nem sempre estamos tristes. E muitas vezes na nossa vida há mais motivos para nos entristecermos do que para nos alegrarmos, e o próprio Deus sofre de tristeza pelo pecado e a ingratidão dos Seus filhos, sobretudo daqueles que Ele mais ama: foi assim que Ele se exprimiu a Santa Margarida Maria no séc. XVII e em Fátima Nossa Senhora disse aos Pastorinhos que Deus estava muito ofendido e pedia «consolação».

A alegria cristã não é uma cosmética para «parecer alegre», pois ela vem do interior, é um dom do Espírito Santo. S. Paulo fala desta alegria num texto da carta aos Tessalonicenses (1Tes 5,16-24) que é lido no terceiro domingo do Advento, o Domingo da alegria: louvar e dar graças a Deus «em todas as circunstâncias», tanto nos momentos em que tudo corre bem, como nos momentos em que tudo corre mal; na saúde e na doença, na vida e na morte. Esta «alegria» é fruto do Espírito Santo que trabalha no interior dos corações dispostos a cumprir em todos os momentos a vontade de Deus, de quem é capaz de «perdoar» aos inimigos, como Jesus quando disse: «Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem» (Lc 23,34). A «alegria» brota da consciência filial de quem reza a sério o Pai-nosso, sem o alterar, quando pede que o «Reino de Deus venha», que a «sua vontade seja



feita»; que nos dê o «pão dos filhos, que é a Eucaristia; que pede que nos livre do mal ou do maligno, que nos livre do pecado. Porque se Deus nos livrar do mal, livra-nos de tudo o que possa fazer perigar o sentido da nossa vida, que está para lá dos infortúnios, das doenças, da pobreza ou da riqueza ou de uma desgraça qualquer. Livres do mal por excelência, que é o pecado, como dizia Santo Agostinho, podemos louvar e agradecer a Deus por tudo, porque tudo concorre para o bem daqueles que Deus ama e daqueles que temem verdadeiramente a Deus do fundo do coração, daquele temor que brota da delicadeza do coração de quem não deseja sequer ofender quem tanto nos ama!...

Fazendo até ao extremo a vontade do Pai - «Abba, ó Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice; no entanto, não se faça a minha vontade, mas a tua!» (Mc 14,36) - Jesus Cristo vive o drama da Paixão em Paz, e este é o sentido profundo seu «silêncio» na Paixão, no meio dos maiores sofrimentos. No tempo das grandes perseguições - tanto na antiguidade como ainda hoje - o que impressionava os pagãos e levou muitos à conversão era a «serenidade e a paz dos cristãos», que se dirigiam para a arena, expostos às feras, cantando os salmos. E é ainda assim que hoje os cristãos autênticos, vivem a alegria, no meio das provações, como aquele jovem meu «afilhado» que acompanho na sua doença, um linfoma, e que na celebração eucarística em que o ungi com o Sacramento dos Doentes rezava: «Senhor, se for da Tua vontade, que eu possa recuperar a saúde!...». Se for da Tua vontade! Confiar no Senhor, que é Bom e que é nosso Pai, aqui está a razão da «alegria dos cristãos», da sua - paz, no meio das provações, como um linfoma que surpreende um jovem na frescura dos seus 15 anos. Viver estes acontecimentos como uma «visita do Senhor» e permanecer em paz, serenamente tranquilo, é esta a alegria dos cristãos, o dom de Deus para aqueles que O amam e n'Ele confiam.

*P. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS*



“A alegria da Páscoa não é uma maquiagem, mas vem do coração”, afirmou o Papa Francisco



Na Segunda-feira de Páscoa de 2014, o Papa Francisco rezou com os fiéis e peregrinos na Praça S. Pedro a oração do Regina Caeli, que neste tempo pascal substitui a oração do Angelus.

Nesta semana, disse o Papa, podemos continuar com as felicitações de Páscoa, como se fosse um único dia. “É o grande dia que o Senhor fez.”

O sentimento dominante que transparece dos relatos evangélicos da Ressurreição é a alegria repleta de admiração, e na Liturgia nós revivemos o estado de espírito dos discípulos pela notícia que as mulheres traziam: Jesus ressuscitou!

“Deixemos que esta experiência, impressa no Evangelho, se imprima também nos nossos corações e transpareça na nossa vida. Mas isso não é uma maquiagem! Vem de dentro, de um coração imerso na fonte desta alegria, como o de Maria Madalena, que chorou pela perda do seu Senhor e não acreditava nos seus olhos vendo-o ressuscitado.”

Quem faz esta experiência, acrescentou o Pontífice, torna-se testemunha da Ressurreição, porque num certo sentido ele mesmo ressuscita. Então é capaz de levar um “raio” da luz do Ressuscitado nas diversas situações humanas: naquelas felizes, tornando-as mais belas e preservando-as do egoísmo; e naquelas dolorosas, trazendo serenidade e esperança.

“A Maria, silenciosa testemunha da morte e da ressurreição de Jesus, peçamos para nos introduzir na alegria pascal”, concluiu o Papa.



Testemunhos sobre o Servo de Deus Padre Francisco Cruz



Documentos de D. José Alves: Opinião: O “Santo” Pe. Cruz

Sábado, 14 de Novembro de 2009

É esta a designação popular para o Padre Francisco Rodrigues da Cruz, nascido em Alcochete a 29 de Julho de 1859, sendo o quarto filho de Manuel da Cruz e Catarina de Oliveira Cruz.

É curioso que o seu nascimento tenha ocorrido um ano depois das aparições de Nossa Senhora em Lourdes, França e oito dias antes do falecimento do Santo Cura de Ars, S. João Maria Vianney, padroeiro dos Sacerdotes. Deus não quis que uma “luz” se apagasse, sem surgir uma outra que também iria “brilhar” na sua Igreja! Faleceu a 1 de Outubro de 1948, estando sepultado no cemitério de Benfica, Lisboa.

Quem foi o “santo” Padre Cruz

Dotado de “temperamento vivo e activo, sensível e bondoso”, partiu para Lisboa, aos 9 anos, onde frequentou o Colégio Europeu, o Instituto Maienense e o Instituto Industrial (aos 16 anos terminou

o curso de instrução secundária). Se desde os 9 anos sentia o desejo de ser padre, quando o pai lhe perguntou, que “vida queria seguir”, manifestou o desejo de ser sacerdote. Por isso o pai o enviou para a Faculdade de Teologia de Coimbra.

Como era a sua vida de piedade? Aos 18 anos (3.º ano de teologia) a convivência com um seu condiscípulo, P. José Pires Antunes e o seu ingresso na Congregação Mariana, assim como aos 20 anos uma “confissão geral”, que fez com o Padre jesuíta Franco Sturzo, marcaram-no para toda a vida. É a partir dessa data que começou o seu contacto com os Padres da Companhia de Jesus. Em 1880 terminou a sua formatura em teologia, com a mais alta distinção, sendo imediatamente convidado para professor de Filosofia, no Seminário de Santarém.

Depois de ordenado sacerdote a 3 de Julho de 1882, a sua vida foi muito intensa, guiada pelo lema: “Confessar enquanto houver penitentes, pregar enquanto houver ouvintes e rezar até já não se poder mais”. Mais tarde também adoptará o lema de S. Francisco Xavier de quem era muito devoto: “Para Deus glória, para o próximo, salvação, para mim, trabalho”.

Em Outubro de 1886 foi nomeado Director do Colégio dos Órfãos de S. Caetano, em Braga. Ao fim de oito anos achou por bem que o Colégio fosse entregue aos Padres Salesianos, contribuindo assim para a vinda dos três primeiros Padres Salesianos para Portugal. A sua amizade e admiração por esta Congregação religiosa manteve-se por toda a vida.

Em 1895, o cardeal patriarca de Lisboa, D. José Neto, nomeou-o director espiritual do recém-criado Seminário de Jesus, Maria e José (Farrobo e S. Vicente de Fora). Acompanhava D. José Neto nas suas visitas pastorais pela Diocese de Lisboa.

Com a implantação da República, apesar da conseqüente perseguição religiosa e anticlerical nunca deixou de visitar as cadeias (Limoeiro, Lisboa) e os hospitais, trajando batina preta.

Nos últimos 25 anos da vida foi no seu tempo, o homem mais venerado em Portugal, percorrendo sem descanso, vilas e aldeias,



pregando, ouvindo confissões e visitando doentes e presos nas cadeias.

A sua figura era inconfundível nas ruas: um pouco encurvado para a direita, sotaina preta e sobretudo, chapéu na cabeça, breviário debaixo do braço esquerdo, bengala e terço, um sorriso de inocência espelhado no seu rosto fatigado e um ar de recolhimento habitual perdido em Deus e disposto sempre a ajudar aqueles que a ele acorriam com tanta fé e confiança!

Podemos dizer que o seu Programa Pastoral, como sacerdote de Jesus Cristo, foi claramente delineado na carta que escreveu ao cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo, em 27 de Março de 1925, aquando da sua escolha para cónego da Sé de Lisboa: “Há muitos anos que eu me sinto atraído, talvez por especial vocação da misericórdia de Deus Nosso Senhor, para ajudar espiritualmente os presos da cadeia, os doentes dos hospitais, os pobrezinhos e abandonados, a tantos pecadores e almas desamparadas que Nosso Senhor me envia ou põe no meu caminho. Tenho também grande consolação em ajudar os Párcos nos exercícios de piedade e mais encargos do seu ministério, indo por toda a parte levar, na medida das minhas forças, os socorros da religião a muitas pessoas a quem não é fácil chegarem por outra via. Ora tudo isto tenho sido e isto queria continuar a ser, por me parecer que é mais da honra de Deus”.

Termina dizendo que lhe parece ser mais glória de Deus e bem das almas a “minha vida de missionário do que como Cónego da Sé Patriarcal”.

Só aos 80 anos, devido à sua débil saúde, satisfez um desejo antigo de se fazer jesuíta, pronunciando os votos no Seminário da Costa, em Guimarães, a 3 de Dezembro de 1940, no dia da festa de S. Francisco Xavier, de quem era muito devoto.

Em 1951, três anos após a sua morte, foi iniciado o Processo da sua beatificação. Os relatórios dos teólogos, que examinaram os seus escritos resumem a sua vida: “preocupação pastoral, zelo apostólico, ideia única de levar as almas a Deus, austeridade consigo, simplicidade, humildade, pobreza, resignação nos sofrimentos, sacrifício pelo bem

do próximo, principalmente pobres e presos, preocupação de fazer sempre a vontade de Deus”. Era também muito devoto da Eucaristia, do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora.

Esperamos que neste ano sacerdotal e passados já 58 anos, a sua beatificação esteja para muito breve!

Padre Cruz Missionário

O Pe. Cruz tinha muito amor a seu pai, o senhor Manuel Cruz, que veio a falecer a 29 de Julho de 1910. Foi nessa altura que a sua irmã Isabel sugeriu que ambos alugassem uma casa em Lisboa de modo a poderem ter mais apoios da família. Mas o Pe. Cruz, como verdadeiro discípulo de Cristo, anunciador da palavra do Evangelho, responde a sua irmã: *Não tenha pena, a minha vida é missionária, e todos me dão alimento de muito boa vontade.* E assim o Pe. Cruz andava de terra em terra, casa em casa ... aceitava a hospedagem de familiares e amigos que, de uma forma espontânea o acolhiam. Esta *estranha* forma de viver entristecia muito a sua irmã Isabel assim como toda a família: o seu irmão Francisco vivia de esmolas! Mas o Pe. Cruz vivia para o Evangelho ... e a mensagem de Cristo é para ser vivida em espírito e verdade: *Em qualquer casa em que entreis permaneço nela, comendo e bebendo do que eles tiverem: pois todo o operário é digno de recompensa.* Hoje aqui, amanhã ali ... por toda a parte aonde fosse preciso levar uma palavra de esperança, de consolo, de ajuda material e espiritual lá estava o Pe. Cruz. Mas o que é ser missionário? O que é ter uma *vida missionária*? Ser missionário, é ANUNCIAR: anunciar o Evangelho. “Não compete ao missionário nem à Igreja inventar a missão ou decidir em que consista a missão. Na verdade, o rosto da missão já foi luminosamente manifestado no rosto de Jesus Cristo. Abrindo o Evangelho de Marcos, reparamos logo que o primeiro afazer de Jesus, não é pregar ou ensinar, mas ANUNCIAR: anunciar o Evangelho (Mc 1,14).

A primeira nota de todo o ANUNCIADOR ou Arauto ou Mensageiro não consiste na autoridade deste e nas aptidões que ostenta, mas



na sua FIDELIDADE àquele que lhe confia a mensagem que deve anunciar. É em Seu Nome que diz o que diz (que tem a ver com o conteúdo); é em Seu Nome que diz como diz (que tem a ver com o estilo). Jesus, postando-se no meio de nós, continua a dizer: «Como me enviou o Pai, também Eu vos mando ir» (Jo 20,21). O missionário tem autoridade na medida que é obediente. O missionário só tem autoridade na medida em que é fiel a Cristo e como Ele obediente, nada dizendo ou fazendo por sua conta e risco ou a seu bel-prazer. Só pode dizer e fazer aquilo que, por graça, lhe foi dado ver fazer. O missionário tem de ser contemplativo. O missionário não é, portanto, aquele que vai apenas em auxílio de alguém. O missionário tem de passar do auxílio para o dom de si. Missionário é aquele que, como Jesus, à maneira de Jesus, põem em jogo a vida, e não as coisas. Tudo, e não apenas o supérfluo. Dar o que sobra não tem a marca de Deus, não é fazer a verdadeira memória de Jesus, que se entregou a si mesmo por mim (Gl 2,20). O supérfluo, ao contrário, deixa a vida intacta. O dom de si mesmo, se for verdadeiro, é para sempre. Pode alguém estar em missão em algum lugar apenas um mês ou um ano, mas se verdadeiramente se tornou missionário, pode voltar, mudar de lugar, mas a sua maneira de viver será a mesma até morrer. Fazer a memória de Cristo é a nossa marca distintiva. Bento XVI disse-o assim: *Tudo se define a partir de Cristo, quanto à origem e à eficácia da missão*. E acrescentou este singular desabafo: *Quanto tempo perdido, quanto trabalho adiado, por inadvertência neste ponto*. (Homilia da Santa Missa, Praça da Av. dos Aliados, Porto, 14 de Maio de 2010)”

Texto de D. António Couto

UM TESTEMUNHO QUE É UM RETRATO

O P. Isaque Barreira no seu livro “Passou fazendo o bem” conta este episódio interessante, testemunhado por Mons. Freitas Barros que é bem o retrato da simplicidade e santidade do Padre Cruz:



“Em 1923, depois de um dia fatigante de visita pastoral, o Cardeal Patriarca Mendes Belo “regressava a Lisboa no seu automóvel, quando à saída da povoação lhe apareceu o Padre Cruz, pedindo a esmola de um lugar até Lisboa, o qual lhe foi concedido de bom grado.

Não eram, porém andados trinta metros e eis que o Rev. Padre Cruz quebrou o silêncio, dizendo em voz alta: “saiba Vossa Eminência que eu ainda hoje não rezei o meu “terçozinho”. Se, pois, me dá licença, vou rezá-lo só para mim, pois Vossa Eminência vem cansado, assim como os seus Padres.”

Ouvidas palavras de aprovação, o Reverendo Padre Cruz começou em voz alta:

Deus, vinde em meu auxílio... (e aqui fez uma pausa como quem deseja ser acompanhado). A reza continuou, alternando com ele o Eminentíssimo Prelado e os Padres”.

Deixemo-los continuar, tanto mais que a estrada estava má e o carro rodava lentamente. Basta-nos esperá-los em Lisboa, depois de duas horas longas de viagem, o Reverendo Padre Cruz rezava naquele momento o quinto mistério do nono terço. Todos se apearam entrando no átrio do Paço. Então, o servo de Deus, volvendo-se para o Venerando Prelado, disse: “Se Vossa Eminência dá licença, vamos aqui acabar este terço, pois falta só um mistério. E sem esperar resposta, continuou. Depois ainda recitou a oração de S. José, o Lembrai-vos, a consagração a Nossa Senhora, a ladainha e a respectiva oração.

Em seguida pediu a bênção a Sua Eminência “já que não temos aqui a Bênção do Santíssimo Sacramento”. E Monsenhor Freitas Barros que pessoalmente o acompanhou a casa, conta ainda, como ao chegar lá, vendo a Capela da Rua Renato Baptista aberta, o Padre Cruz entrou. Nesse momento o sacerdote dava a Bênção do Santíssimo. No fim, o Servo de Deus levantou a voz guiando as orações dos fiéis. E sem que eles tivessem ocasião de sair, ainda os convidou a fazer uma Via-Sacra, “em louvor de tantos benefícios daquele dia de visita pastoral”.



A DEVOÇÃO do “Santo” Padre Cruz a NOSSA SENHORA

Evocar o Padre Cruz é lembrar a imagem que todos temos dele: um venerando velhinho com o breviário e o terço nas mãos. Se a devoção a Nossa Senhora é comum a todos os Santos, alguns manifestam-na de uma maneira muito particular. O Padre Cruz foi um desses. Desde a sua entrada para a Congregação Mariana, em Coimbra, até ao fim da vida ele foi um fervoroso devoto e pregador do amor a Nossa Senhora.

É conhecida a sua maneira original de medir certas distâncias mais percorridas por ele. Em vez de falar em quilómetros ou em tempo, falava em terços. Daqui a tal parte, dois terços, três terços, quatro terços...

O nome do Padre Cruz está intimamente ligado a Fátima. Foi ele que, em 1913, atendeu de confissão, pela primeira vez, a pastorinha Lúcia e lhe deu a comunhão. Ouçamos o que diz a própria Lúcia:

- “Recordo que estando eu na igreja a chorar porque o Pároco se negava a dar a Comunhão, tendo-ma prometido se eu aprendesse a Doutrina, entrou na igreja o senhor Padre Cruz que tinha ido para ajudar o Pároco naqueles dias, e informado do motivo das minhas lágrimas, levou-me pela mão para a sacristia, interrogou-me sobre a Doutrina, voltou depois comigo junto do Pároco, convenceu Sua Rev.a a deixar-me comungar, dizendo que tomava a responsabilidade, e que queria, ele mesmo, no dia seguinte dar-me a Sagrada Comunhão. Levou-me depois para junto da porta da sacristia, sentado em um banquito, sem confessionário aí me confessou, e no dia seguinte deu-me a Sagrada Comunhão.”

Mais tarde, seria o mesmo Padre Cruz que a confessaria para a Comunhão Solene pois também estava na paróquia de Fátima, juntamente com outros sacerdotes, a ajudar o Pároco por essa altura.

O Padre Cruz foi um dos sacerdotes designado para interrogar os pastorinhos sobre as aparições de Fátima. Depois de ter ouvido os pastorinhos, pediu-lhes para ir com eles até ao local das aparições. Embora ainda não tivesse 60 anos, ao vê-lo alquebrado, gasto por

muitos trabalhos apostólicos e pela doença, que foi sua companheira durante toda a vida, a Jacinta não se conteve que, na sua simplicidade, não lhe dissesse:

— Vossemecê já está bem velhico!

Como a distância da Cova da Iria ainda era um pouco grande e os caminhos pedregosos e incertos, o Padre Cruz foi montado num jumentinho tão pequeno que quase roçava com os pés no chão. Durante o percurso foi rezando com eles e ensinando-lhes algumas jaculatórias e, no local onde Nossa Senhora apareceu, rezaram o terço. Como seria encantadora essa cena do santo sacerdote, rodeado por três crianças santas!

O Padre Cruz, apenas a Igreja aprovou as aparições de Fátima, tornou-se um incansável peregrino e arauto de Nossa Senhora de Fátima pois, nesse local, encontrava tudo o que constituía a razão de ser da sua vida sacerdotal: pregação, oração, confissões, adoração a Jesus Sacramentado, penitência. Por isso, ele mesmo acompanhou peregrinações a Fátima fazendo da carruagem do comboio em que seguiam uma autêntica igreja onde se rezava e cantava, o que acabava por chamar a atenção dos outros passageiros.

O ESCAPULÁRIO DO CARMO

Outra das suas manifestações de devoção a Nossa Senhora era o Santo Escapulário do Carmo. Tendo-o recebido ainda jovem, não se cansava de o recomendar a todos os fiéis pedindo que o beijassem todos os dias e rezassem três Ave Marias. Durante a vida distribuiu e impôs milhares de escapulários.

Ele próprio confidenciou: “Quando me chamam para doentes rebeldes, digo que antes lhes falem só no Escapulário do Carmo.



Depois vou e imponho-o, primeiro às pessoas de família e, no fim, ao doente. À família primeiro, para tirar ao doente a ideia de que é uma coisa que se dá aos que estão para morrer.

Um dia perguntou a um taxista que o tinha levado ao Seminário da Guarda:

- Meu irmão, já recebeu o escapulário do Carmo?
- Não, Senhor Padre Cruz!
- Pois então vai recebê-lo...

E, sem mais, pondo uma pequena estola que sempre trazia consigo, impô-lo ali mesmo.

P. Januário dos Santos

VIDA DO “SANTO” PADRE CRUZ

Editorial Missões, CUCUJÁES

PERFIL HISTÓRICO DO SANTO PADRE CRUZ

FRANCISCO RODRIGUES DA CRUZ

(1859 - 1948)

Apostólico sacerdote, conhecido em todo o país pelo simples nome de Padre Cruz, do Patriarcado de Lisboa e depois da Companhia de Jesus (Nasceu - Alcochete, 29.7.1859 - Faleceu - Lisboa, 1.10.1948).

Foi no seu tempo o homem mais venerado em Portugal Continental e Insular, que, sobretudo nos últimos 25 anos da sua existência, percorreu sem descanso, a fim de pregar e assistir espiritualmente presos e doentes.

Bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra, foi professor de Filosofia no Seminário de Santarém e desempenhou depois o cargo de Reitor do Colégio dos Órfãos em Braga.

Praticava fielmente o que inculcava aos sacerdotes: «A nossa missão é confessar enquanto se apresentarem pecadores, pregar enquanto houver ouvintes, e rezar até já não se poder mais.»

Manteve e fomentou muito a piedade, converteu muitos pecadores. Da sua união contínua com Deus vinha-lhe uma convicção, que impressionava profundamente. Confessou e deu a primeira comunhão, em 1913, à Lúcia de Fátima, e em Junho ou Julho de 1917 rezou com ela e com os outros dois pastorinhos o terço, dizendo-lhes que não temessem pois era N.^a S.^a quem lhes aparecia.

No dia em que completou 80 anos, encontrava-se no Seminário dos Olivais com outros sacerdotes ali reunidos para Exercícios; o Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira ajudou-o à missa e no fim beijou-lhe as mãos com todos os sacerdotes presentes.

Em 3 de Dezembro de 1940, o Padre Cruz ingressou na Companhia de Jesus com especial autorização do Papa, proferindo os votos no Seminário da Costa, em Guimarães; continuou, porém, a sua vida de missionário, percorrendo o país em apostolado constante.

O escritor Manuel Ribeiro traçou-lhe nitidamente o perfil, no capítulo VII do seu romance A Catedral:

- «Padre Cruz era, de facto, uma extraordinária figura eclesiástica que se popularizara em Lisboa. Um autêntico santo desgarrado no século... Dedicado a um labor apostólico de que fizera o móbil da sua vida, o incansável padre batia a cidade, calcorreava os bairros pobres, visitava os asilos, os manicómios, os hospitais e as prisões, onde a sua bolsa vertia sempre algum óbulo e o coração a palavra de amor fraterno que confrontava... Padre Cruz não lia jornais, nem falava em política, ignorava os regimes e os governos; sabia apenas que havia pobres, miseráveis desvalidos, bocas à míngua de pão, almas repletas de dores... Alvo de mil solicitações, via-se a braços para acudir a tanto encargo. Mas o santo por todos pedia, por todos rezava.»

Em Abril de 1942 visitou a ilha da Madeira, a pedido do Prelado do Funchal.

O seu funeral foi verdadeira apoteose. Contam-se factos extraordinários dele, em vida e depois da morte.



Em Fevereiro de 1949, começou a publicar-se, de dois em dois meses o Boletim Graças do Padre Cruz.

A 10 de Março de 1951, começou o processo informativo, em ordem à beatificação e canonização, finalmente entregue à sagrada Congregação dos ritos, em Roma, a 17 de Setembro de 1965.

Missa de Acção de Graças na celebração dos 150 anos do nascimento do Padre Cruz, em Alcochete

Na Homilia o Senhor Bispo D. Gilberto lembrou que, se os modelos de santidade do passado são importantes, mais importantes ainda são os modelos vivos de santidade aqui e agora.

E perguntou: “desejamos nós a santidade a sério? Os testemunhos de pessoas santas, como Santa Teresa do Menino Jesus, ou como o Padre Cruz, por cuja beatificação se aguarda, são estímulos a percorrer os caminhos da santidade no nosso tempo. O grande desejo do Padre Cruz foi sempre amar a Deus e ajudar as pessoas a amá-Lo. A sua vida está marcada, como a de Jesus, por três palavras: rezava, fazia o bem e ia pelos caminhos à procura dos mais pobres detidos nos hospitais ou nas prisões ou no pecado.

Precisamos de santos hoje, de sacerdotes santos, mas também de leigos santos, inseridos em todos os domínios da vida social. Uns e outros seguindo, como Jesus, os caminhos da vida sem ficar em casa, estando particularmente atentos aos doentes e aos que sofrem. Terminou recordando Nossa Senhora, modelo de santidade: que Ela nos ajude a redescobrir e acolher o Seu Filho para podermos viver em santidade.



ATENÇÃO

Não estando assegurada, até esta data, pela Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa, a segurança na Capela do Cemitério de Benfica, vimos avisar todos os devotos do Santo Padre Cruz que ali se deslocam nas datas de Aniversário de nascimento e morte do Padre Cruz que, até indicação em contrário, não será celebrada Missa pela Beatificação do Padre Cruz. na Capela do Cemitério de Benfica.

Mantém-se a abertura do Jazigo do Padre Cruz nas datas habituais:

Aniversário de Nascimento:

29 de julho

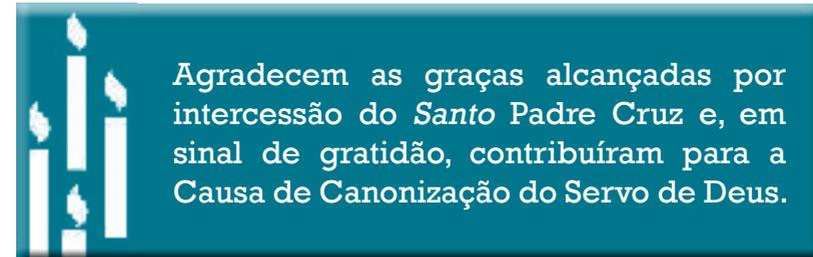
Aniversário de Morte:

1 de outubro



AVISO

Morada para onde deve ser enviada toda a correspondência relacionada com a Causa de Canonização do Padre Cruz :
Apartado 2661
1117-001 LISBOA



Agradecem as graças alcançadas por intercessão do *Santo Padre Cruz* e, em sinal de gratidão, contribuíram para a Causa de Canonização do Servo de Deus.

Tendo pedido ao Padre Cruz para o meu sobrinho Miguel arranjar emprego, o que consegui, agradeço graça recebida.

F. Santos (Linda-a-Velha);

Há muito que eu e minha esposa vínhamos rezando a novena ao Padre Cruz solicitando a graça de Deus para que nosso neto arranjasse trabalho numa empresa estável.

Há poucos dias, o jovem casal teve a alegria do nascimento duma menina e quase ao mesmo tempo um telefonema para o meu neto comparecer no dia 5 de janeiro numa empresa para assinar um contrato.

Muitas graças a Deus por ter atendido a nossa prece por intercessão do *Santo Padre Cruz*.

Abílio Oliveira (Lisboa);

Venho uma vez mais agradecer ao meu bom amigo *Santo Padre Cruz* todas as graças que por seu intermédio tenho recebido e continuo a receber, pois a ele recorro sempre que preciso de ajuda para mim e meus familiares.

Obrigado meu protetor. Recordo uma graça especial que obtive pois sei que ele me amparou e esteve a meu lado. Tive um desmaio, cai desamparada no chão e tive uma pequena fratura na cabeça nada grave e fiquei completamente bem, graça que reconhecidamente agradeço.



Agradeço também outras graças que tenho recebido para os meus familiares, sei que o Padre Cruz também esteve ao lado deles. Obrigado meu *Santinho* Padre Cruz.

Maria dos Anjos (Mira);

Venho agradecer ao Santinho Padre Cruz todas as graças recebidas ao longo de muitos anos.

Nesta data quero agradecer a graça do meu filho e filha continuarem a trabalhar no mesmo trabalho e sem terem qualquer corte no ordenado.

Agradeço ao *Santinho* Padre Cruz a coragem que me tem dado desde 2006 nos meus problemas de saúde, pois sou doente oncológica, mas com a ajuda de Deus e do meu amigo Padre Cruz há 3 anos que me sinto bem. Obrigada, meu querido Santinho Padre Cruz.

Maria Esmeralda Ferreira Brito (Sintra);

Venho agradecer ao meu Santinho Padre Cruz as muitas e muitas graças que me tem feito, ao meu filho e netas, que não tem fim. Obrigada, meu Padre Cruz.

Tília Faria Almeida (Porto);

Venho agradecer ao querido e *Santo* Padre Cruz as graças que tenho recebido, entre elas a operação do meu marido e a do meu neto.

Pedi muito ao *Santo* Padre Cruz para que as operações corressem bem, o que aconteceu, estando os dois bem, graças à intercessão do *Santo* Padre Cruz, a quem recorro sempre que preciso. Obrigada.

Maria Isabel Rosado Rufino (Amadora);

Tive a minha nora desempregada durante cinco meses e pedia frequentemente nas minhas novenas ao *Santo* Padre Cruz que fizesse a graça dela arranjar novamente emprego.

Ao fim deste tempo, ela conseguiu arranjar no mesmo ramo, novo emprego.

M. Vintém (Amadora);

A minha neta estava grávida e os médicos disseram que a menina podia nascer com algum tipo de defeito. Eu, com fé, pedi ao *Santinho* Padre Cruz que a menina viesse com sem defeito e assim foi. Mais uma vez fui ouvida, tenho uma bisneta perfeitinha e muito linda.

(Deolinda Maria Vitória, Barreiro);

Quero agradecer as muitas graças que tenho recebido do Padre Cruz, em especial estes últimos acontecimentos.

Há muito que esperava um pagamento, já tinha perdido a esperança de recebê-lo, pedi ao Padre Cruz e nessa semana o senhor veio a minha casa efetuar o pagamento.

O mesmo aconteceu com um automóvel, que também vendi, e a seguir o meu filho conseguiu um apartamento.

Agradeço todas as graças, em especial estas últimas.

Obrigada Padre Cruz.

(Luísa, Tomar);

Gostava de publicar uma grande graça que, por intermédio do meu querido *Santo* Padre Cruz, Nosso senhor ouviu as minhas preces e salvou o meu irmão que já esteve por duas vezes às portas da morte devido a um linfoma em estado avançado. Está a melhorar mas todos os dias rezo a novena ao meu querido Padre Cruz a pedir a sua cura.

Maria Paula Brito Seródio (Porto);

Venho por este meio contar humildemente o que me aconteceu em meados de 2014.

Já tinha sido operada à cara por duas vezes uns anos antes por problemas que me apareceram no rosto e que o meu médico achou que era cancerígeno não era maligno, mas fui seguida pelo médico durante vários anos.

Apareceram-me depois mais manchas, uma grande no nariz e mais tarde no lábio superior, as quais o médico queimou, mas voltaram sempre a aparecer vários anos.



Entretanto, apareceu-me na ponta do nariz uma espécie de borbulha encarnada que o médico achou estranha, tendo que ser novamente operada. Estava com tanto receio que pedi ao Padre Cruz que intercedesse por mim junto de Deus para que aquelas manchas desaparecessem. Rezei com muita fé e a cirurgia correu bem. No exame que fizeram também não era maligno e em pouco tempo aquelas manchas desapareceram.

Para mim foi uma graça do *Santo* Padre Cruz a quem eu, nas minhas orações também lhe peço para que interceda por mim junto de Deus.

(Augusta Tavares Pereira, Lisboa);

Venho agradecer todas as graças recebidas através do *Santo* Padre Cruz que sempre me tem ouvido nas horas difíceis e a todas as horas está sempre do meu lado.

Muito obrigado meu *Santo* Padre Cruz.

(Maria Pureza Vasconcelos Fernandes, Sabadim);

Venho por este meio agradecer todas as graças alcançadas por intermédio do *Santo* Padre Cruz a mim e à minha família junto de Deus.

Obrigada por tudo quanto me faz e me atende, ouvindo todas as minhas preces.

(Maria José, Amarante);

Venho agradecer as muitas graças que o nosso Padre Cruz me tem concedido.

Graças a Deus e ao Padre Cruz ando um bocadinho melhor.

M. Lopes (Coimbra);

Agradeço várias graças que por Deus o Padre Cruz me concedeu assim como a graça concedida a uma amiga, curando-a da acidez no estômago.

Maria Fernanda Teixeira e Maria da Assunção (Porto).



Adelina Ana Barbosa (Calheta, Açores); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Maria Elvira da Costa Gomes Moreira (Braga); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Carolina Tavares de Andrade Gavina (São Mamede Infesta); Delfina Caldas Dias Vilar (Vila do Conde); Elvira da Costa Dias (Avanca); Maria da Conceição Madureira (Marco de Canaveses); Graciete Borges (Chaves); Luís Manuel Roque Fidalgo Alegria (Abrantes); Maria Helena Lages Costa (Braga); Maria Olga Carvalho Sousa (Oura); Maria da Piedade Lopes Silva Rocha (Vila Nova de Gaia); Maria Regina S. Dias Alves (Valongo); John Sousa (New Bedford, EUA); Cecília Canilhas Rijo Domingues (Portalegre); Isabel Martins (Turlock, EUA); Maria Leonor Gomes (Lisboa); Fátima (Lisboa); Antonieta Mendes Carvalho (São Mamede Infesta); Manuela Alice Oliveira Estrela (Sardoal); Maria dos Anjos Oliveira Capeloa (Seixo); Maria da Conceição Cruz Caldeira (Carapinheira); Ilda Paiva Loureiro (Amadora); Maria Esmeralda Silva (Gondomar); Maria Adelina Carvalho (Castanheira de Pera); Joaquim Lopes Carvalho (Lisboa); Alda Narciso (Laranjeiro); Teresa Maria Pires Almeida (Lisboa); Maria de Fátima Duarte Morais (Porto); Cristina Santos Queirós



(Figueiró dos Vinhos); Maria Esmeralda Ferreira Brito (Sintra); Maria Manuel Faria Cruz (Porto); José Augusto Oliveira Beiramar (Braga); Tília Dulce Faria e Almeida (Porto); Ana dos Santos Palhais Traça (Lisboa); Aurora Ferreira (Coimbra); Brigida Fernandes Batista (Vila Nova de Barquinha); Eva Maria da Silva Baptista (Leiria); Lucília Cartaxeiro Garrido (Vale de Paraíso); Maria Júlia Oliveira (Santarém); Maria Luisa Almeida (Coimbra); Maria Luisa Garcia Afonso (São Domingos de Rana); Maria Rosette Saraiva Marques (Lisboa); Gilda Ferreira (Hamilton, Canadá); Lourdes Melo (Calgary, Canadá); Patrocínia Vieira (Lisboa); Carlos Augusto Alves (Senhora da Hora); Maria Isabel Tomé Cruz Brazão (Faro); Ana Venâncio Figueira, Margarida Careto Lagarto, Ilda Augusta da Silva Aleixo e Elsa Margarida Bigares M. Romão (Arronches); Aurora Fonseca Ferreira (Castelo Viegas); Isidro Cardoso (Vila Nova de Gaia); Maria do Céu Amaral (Santa Comba Dão); Maria Eugénia M. Pereira (Vila Nova de Gaia); Maria Luisa Dourado (Póvoa de Varzim); Maria de Lur-

des Nogueira dos Santos Araújo (Porto); Maria da Piedade Boavida Crespo (Carnaxide); Rita Fernandes Rodrigues (Póvoa de Varzim); Carlos Manuel Santos Pereira (Vilar Formoso); Salvador Ballester Ramos (Barroselas); Gabriela Augusta Jorge (Amadora); Maria José Couto e Santos (Lisboa); Maria do Céu Neves Raposo Ladeiras (Lisboa); Edviges Guerreiro Silva (Baixa da Banheira); Maria Fátima Moutinho Sousa (Vila Nova de Gaia); Carlos Alberto Neves (Meda); Ester dos Santos Monteiro Macedo (Coimbra); Maria Conceição Martins (Ontário, Canadá); Delmira Pinheiro Miranda (Lisboa); Júlio Manuel Brito Vintém (Amadora); Maria Alice Ferreira Lima (Roriz); Clemência de Jesus Alves (Guarda); Linda Rosa Nunes Rocha Couto (Penafiel); Adelina Baptista C. Valoura (Chaves); Aida Silva (Amadora); Clementina Tavares Silva Fontes (Lever); Gracinda Galvão Santos (Espinho); Florinda Sousa Rodrigues (Freitas); Maria Conceição Carvalho Taveira Pinto e Maria Aurora Oliveira Carvalho (Telões); Maria de Deus Lima Brum (Vila Franca do Campo,

Açores); Manuel António Lourenço (Soure); Maria Inês Pereira Conceição Casaca (Ovar); Maria Inês Vaz Valente (Amadora); Maria Manuela Sousa (Lisboa); Maria Amélia Carvalho (Porto); Maria José Teles Lima (Oliveira de Frades); Maria Adelina Pereira (Madalena, Açores); Maria Idalina da Graça Raimundo (Leiria); Luis Mendonça da Silva (Buraca); Noémia (Lisboa); Maria Paulino (Lisboa); Maria Amélia Gonçalves (Quinta do Conde); Dulcineo Rebelo (Vila Nova de Famalicão); Ramiro Morais Valentim (Peso); Graça Inácio (Colares); Deolinda Maria Vitória (Barreiro); Luisa Martins (Tomar); Maria Paula Brito Seródio (Matosinhos); Arlette Pinheiro Alves Teixeira (Braga); Maria Eduarda Oliveira Portela e Maria das Dores Costa Azevedo (Trofa); Maria Luisa Almeida (Coimbra); Maria Nazaré Brito Portela (Tomar); Maria do Rosário Silva Calado (Murtosa); Maria Augusta Carolino Azevedo (Porto); Maria Leonor Seixas (Torre de Moncorvo); Maria Inês Meira Matos (Barcelos); Maria Lurdes Silva Valente Almeida (Salreu); Maria Antónia Alves Teixeira

(Lousada); Maria Pureza Vasconcelos (Arcos de Valdevez); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Maria João Carvalho Teixeira (Amarante); Maria Glória Paiva (Calgary, Canadá); Leonel Afonso; Teresa Caldas (Odivelas); Maria Cândida Caxinha (Lagoa); Angelina Pinto (Lisboa); Filomena Azevedo (Calheta, Açores); Berta Eugénia Gomes e Castro (Espinho); Maria Isabel Jesus (Funchal, Madeira); Maria Eunice Lapa Barbosa (Odivelas); Maria Aida Pinto Caldeira (Lisboa); Maria Vitória Ribeiro (Almeirim); Maria Manuela Sousa (Lisboa); Luisa Leal e outros (Coimbra); Maria do Carmo Ferreira Sousa Teixeira (Vila Real); Maria Augusta Pires Frade Prata (Gouveia); Ondina Alice Vera-Cruz Lima (São Vicente, Cabo Verde); Filomena Sousa, Connie Souza, Anthony Souza, Alcino Nunes e Helena Nunes (Gustine, EUA); Joaquim Mancebo (North Providence, EUA); Maria de Lurdes Anjos Diez Carvalho (Viseu); Maria do Rosário Pires (Sacavém); Clementina Tavares Silva Fontes (Lever); Maria Cidalina Santos (Águeda).





*Campanha de Missas pela
Beatificação do Padre Cruz*

Rosa Salgueiro Pinto (Castro Marim); Vera Lúcia (Nelas); Aida Francisco (Lisboa); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Paula Brito Seródio (Porto); Maria Helena Lages Costa (Braga); Eva Santos (Petaluma, EUA); Manuel Duarte Lopes Moedas (Ribeirão); Carlos Alberto Neves (Meda); Maria Custódia Soares (Corroios); Aurora Anjos Fernandes (Porto); Anabela Monteiro Oliveira e família (Sintra); António Xavier Forte (Lisboa); Maria Alzira da Costa Moutinho (Maia); Maria Helena R. Lages Costa (Braga); Maria Conceição de Ponte (Câmara de Lobos, Madeira); Beatriz Fátima Morais (Coimbra); Maria Rosário Jesus (Amadora); Maria Inês M.

Matos (Barcelos); Ester Tourais Fernandes (Vilar Formoso); Maria Céu Pinto (Gouveia); Fernanda Caiado da Silva (Castelo Branco); José Mira (Hartford, EUA); Alcinda Deveza Queiroga (Apúlia); Maria Jacinta Alves Esteves (Vila Real); Carlos Alberto Neves (Meda); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Fátima Pinto Cerqueira (Ponte da Barca); Maria Teresa Teixeira (Olival Basto); Maria de Deus Lima Brum (Vila Franca do Campo, Açores); Maria Carolina Lopes da Silva (Lisboa); Arnalda Maria L. S. Veiga Dias (Montijo); Prudência da Graça Almeida (Lisboa); António Forte (Escudeiros); Maria Odete Cabral (Lisboa).



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

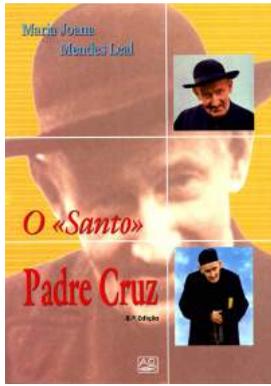
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

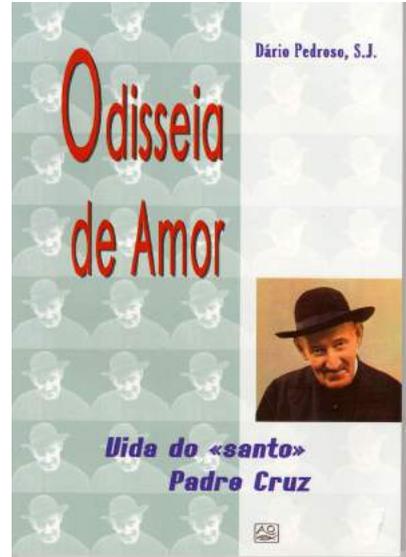
ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. António Reis S.J.
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C
Apartado 2661
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921
Site: <http://www.padrecruz.org>
e-mail: causapadrecruz@padrecruz.org

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 2.000 exemplares
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.